



PAULO PIMENTA

Autópsia, de 1 a 3 de Novembro no São Luiz, é a peça com que a coreógrafa visita paisagens do planeta para tomar as dores do mundo e procurar um lugar de paz.

Gonçalo Frota

Olga Roriz procura a salvação do mundo na dança

primeiro impulso – e que justifica também um outro sentido do procedimento médico-legal associado a “autópsia”, mais como uma dissecação interior, de auscultação pessoal – foi, aos poucos, abandonando a ideia de solo para se transformar numa criação destinada ao elenco da sua companhia. E o rasto da ideia primordial foi encaminhando a coreógrafa para um pensamento descentrado da sua condição, seguindo antes na direcção da “origem do planeta Terra, da problemática do aquecimento global e do consumo”.

Autópsia segue, em certa medida, na esteira de um humanismo que reflectia sobre a guerra e a solidariedade, a relação entre indivíduos e comunidade em momentos extre-

mos de barbárie e de fatalidade, que encontrávamos em *Síndrome* (2017) e *Antes que Matem os Elefantes* (2016). Mas seguiu outros percursos de pesquisa, com leituras filosóficas e científicas, e um enfoque particular na obra de Miguel Real, que lançaram a coreógrafa para o seu espectáculo “mais pensado, mais escrito, mais falado, mais pesquisado, com mais conversas em conjunto e statements individuais”. Foram quatro meses de trabalho com o elenco – formado por André de Campos, Beatriz Dias, Bruno Alves, Catarina Câmara, Marta Lobato Faria e Yonel Serrano – , com os primeiros dias de trabalho partidos ao meio: uma metade era destinada à partilha de Olga com os bailarinos dos seus escritos e das suas reflexões acerca dos materiais de que se rodeava; a outra metade era destinada à visualização colectiva da série documental da National Geographic *One Strange Rock*.

“É uma série narrada do ponto de vista de vários astronautas”, justifica a coreógrafa. “É muito interessante porque nos dá um ponto de vista exterior à Terra e em que eles nos dizem que só sentimos este planeta como a nossa casa quando o vemos de fora.” Das imagens do documentário, Roriz acabaria por extrair seis paisagens que havia de ligar a cada um dos intérpretes: o Monte Érebo, onde existe um dos vulcões de maior actividade do planeta; a Ilha de Hashima, no Japão, abandonada depois de ter sido uma base de extracção de carvão com uma elevadíssima densidade populacional; Chernobyl, palco do maior desastre nuclear até hoje; a parcela marroquina do deserto do Sahara onde, em 2012, caiu o maior pedaço de meteorito marciano jamais encontrado; o continente gelado da Antártida, sob séria ameaça; e Son Doong, a maior caverna do mundo, com nove quilómetros de extensão, localizada no Vietname.

São as imagens e a pesquisa em torno desses seis lugares que abastecem o núcleo central de *Autópsia*, numa sucessão de solos carregados da história e da dor inscritas naquelas paisagens, e em que Olga Roriz se agarra intensamente à dança como “algo que nos poderia salvar, de alguma maneira”. “Claro que essa salvação é diferente para cada um dos intérpretes e será também para cada um dos espectadores. Mas foi isto que estive na minha cabeça desde o início. O objectivo máximo passava por encontrar, no final desta criação,

esse sítio da dança como salvação.” Antes dos seis solos em que Olga Roriz quis trabalhar sobre a pequenez humana diante daqueles cenários específicos e em que pediu aos seus bailarinos que se definissem – “Quis perceber se eles estão na paisagem, se eles são a paisagem, anteriores à paisagem ou nem sequer estão lá”, esclarece – , os seis começam por acordar de um qualquer sono, cobrindo os olhos, e entoando uma melodia que os lança num transe colectivo. Sem se olharem, sem se tocarem, abandonam-se a um movimento grupal cada vez mais inquieto e nervoso, de uma harmonia tribal, como se estivessem juntos de moto automático, conscientes que fazem parte de um todo que segue em grupo mas não perde tempo a (re)conhecer-se.

Depois disso, os seis solos surgem como momentos de uma profunda solidão, desesperada, à procura de uma porta que permita uma fuga mas teima em manter-se inacessível. Para Olga Roriz, trata-se de um espaço que se abre à procura de cada um e ao esmagamento diante da Natureza. Quando os seis terminam a sua tentativa de colocar os seus corpos ao dispor das paisagens, de tentarem que os seus movimentos sejam contaminados pelas imagens e possam sintonizar-se com uma lógica contrária àquela a que estamos habituados – não a acção humana a transformar os lugares, mas precisamente o fluxo contrário – , voltam a um despertar colectivo, mas desta vez “num sítio apaziguador, da poesia”.

E é nesse segmento final, quando o gesto de um é replicado pelos outros, mas em que o unísono inicial é trocado por uma atenção real aos corpos em volta, que se fazem sentir outras pistas do trabalho dirigido pela coreógrafa, ao pedir aos seus bailarinos que trouxessem para o estúdio objectos pessoais, mas também ao recolher “conceitos, palavras, textos” com que esboçava o retrato de cada um, instando depois os outros a criarem uma relação com essa espécie de rudimentar código genético.

Quando o movimento, por fim, desacelera e se extingue, é então que a dança emerge como possibilidade de salvação. Não literal. Mas enquanto imagem do desapego, do reconhecimento do quanto é preciso despir e limpar as doenças do mundo para sobreviver. Ou, por outras palavras, quanto é preciso tomar as dores dos outros como próprias para poder seguir viagem.